

O Homem perante a ciência

— Quem somos nós? Que posição ocupamos na natureza? Qual é o sentido da nossa existência, o valor da nossa actividade?

*

Como todo o animal superior, o homem é um agregado de muitos triliões de células, cada uma das quais representa uma reunião de moléculas distintas. Em última análise, aparece-nos como um edificio prodigiosamente complexo de electrões (1), que à forma particular do seu agrupamento devem o singular privilégio de poder afirmar a sua existência. No que respeita ao pensamento, orgulho principal do homem, as peças mestras da sua arquitectura biológica são constituídas pelas células do cortex cerebral (2). É aí, nessa película, que se produzem as reacções químicas e as transformações de energia que dão lugar ao que chamamos consciência, e da qual nada sabemos senão que está indissolivelmente ligada a estas reacções e a estas transformações. É aí que se preparam as mais altas manifestações do espírito: o génio dum Newton, as angústias dum Pascal...

Que as células do cérebro se encontrem privadas de oxigénio durante alguns minutos, e a consciência evolar-se-á pela certa. Que a privação persista num pequeno quarto de hora, e a consciência terá desaparecido definitivamente em consequência das alterações protoplásmicas que seguem a asfixia celular. Nunca mais no mundo se manifestará aquela consciência, aquele eu — único como todos os eus — e que dependia da integridade destas células particulares.

Um relâmpago na noite, assim se definiu

(1) Partículas elementares da matéria.

(2) Camada superficial do cérebro onde está concentrada a quasi totalidade das suas funções elaboradoras.

o pensamento. Não se trata, com efeito, senão dum clarão vacilante e sempre ameaçado de extinguir-se. De resto, bem parece que este pensamento tem por única função assistir o jôgo da máquina que tem a ilusão de comandar. O acto dito voluntário reduz-se, verosimilmente, a uma resultante de reflexos, e sem dúvida o homem que reflecte, que calcula, que delibera, não é, na última das suas «démarches», menos comandado que a lagarta rastejando em direcção à luz (1), ou do cão respondendo por um afluxo de saliva ao sinal do experimentador (2).

As mais graves decisões morais, a que o homem dá tanto aprêço, aparecem então como puros estímulos sociais, e quando julga submeter-se livremente aos imperativos sagrados que acredita ter-se escolhido, não é senão um autómato que se agita conforme aos interesses do grupo de que faz parte.

*

Donde vem o homem?

Duma linhagem heteróclita de animais hoje desaparecidos, que contavam geléas marinhas, vermes rastejantes, peixes viscosos, mamíferos felpudos... Por esta cadeia de antepassados, cuja humildade aumenta à

(1) O rastejar da lagarta dirigindo-se para a luz é um mero complexo de mecanismos reflexos tal como sucede nos movimentos do girasol e dum modo geral de tôdas as plantas em direcção à luz solar.

(2) Alusão às experiências de Pavlov sobre os reflexos condicionados: à aproximação da comida o cão segrega uma grande quantidade de saliva por um mecanismo reflexo em que o excitante é o cheiro da comida; se administrarmos a comida ao mesmo tempo que junto do cão fazemos tocar uma campainha, por exemplo, e repetimos a experiência um certo número de vezes, basta depois tocar simplesmente a campainha sem apresentação de alimento para que o cão segrege uma quantidade grande de saliva. Trataremos mais tarde largamente dêste assunto.